

Bolsonaro *versus* imprensa: Uma análise dos embates com mulheres jornalistas¹

Laura Pereira GONÇALVES²
Graduanda

Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)

Resumo: O artigo traz uma análise sobre a relação entre o presidente Jair Bolsonaro e a imprensa tradicional, em predileção pelo Twitter, no qual propaga os assuntos do governo. Como base teórica, é discutido o processo de Miatização e Política (Braga, 2012; Rosseto *et al*, 2013), Jornalismo como Campo Simbólico (Bourdieu, 1989, Oliveira *et al*, 2021), Feminismo e Desigualdade de Gênero (Miguel & Biroli, 2014; Bourdieu, 2002). O estudo de caso foi desenvolvido a partir da repercussão dos ataques à oito jornalistas: Constança Rezende, Marina Dias, Sylvia Colombo, Thays Oyama, Patrícia Campos Mello, Isadora Peron, Míriam Leitão e Vera Magalhães – ligadas ao Grupo Folha, Globo ou Estadão. Procurou-se identificar o discurso misógino e sexista de Bolsonaro e sua tentativa de destituir o campo jornalístico a partir da Análise de Conteúdo (Bardin, 2011).

Palavras-chave: Jornalistas Mulheres; Jair Bolsonaro; Misoginia; Imprensa tradicional;

Introdução

Eleito em 2018, Bolsonaro alimentou-se da onda antipetista no contexto em que Dilma sofreu *impeachment* (31 de agosto de 2016) e Lula foi condenado, preso pela Operação Lava Jato (7 de abril de 2018) e impedido de disputar a Presidência. Trata-se, ainda, de um líder excêntrico de direita que alimenta polêmicas desde 2011 quando era deputado (falas machistas, homofóbicas, racistas, defesa da ditadura, porte de armas etc.).³ Em sua campanha à eleição, o desempenho do político ganhou impulso após o atentado sofrido em 6 de setembro de 2018, em Juiz de fora em Minas Gerais, quando foi atacado por uma facada em um comício, enquanto era carregado por uma multidão de apoiadores.⁴ As relações entre Bolsonaro e a grande imprensa já estavam desgastadas e pioraram depois de o candidato se

¹ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Graduanda em Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), integra o Programa Institucional de Iniciação Científica (PIIC/UFSJ) sob a orientação do professor Dr. Luiz Ademir de Oliveira. E-mail: laurapereirag2@gmail.com.

³ Bolsonaro surgiu como uma alternativa de tirar o Partido dos Trabalhadores (PT) do poder, sendo a esperança da extrema direita e do Partido Social Liberal (PSL), seu nono partido desde designado vereador em 1988. Bolsonaro exercia o seu 7º mandato de deputado federal pelo Rio de Janeiro. Militar da reserva, apresentou 171 projetos, sendo só dois aprovados. Ficou conhecido pela personalidade controversa em decorrência de sua visão de extrema-direita, em defesa da pauta conservadora de costumes e da ditadura.

⁴ O esfaqueamento na região do abdômen lhe rendeu quatro cirurgias e ocupou grande parte dos noticiários da imprensa, ademais, impossibilitou o candidato de comparecer aos seus compromissos, como os debates com os opositores, proporcionados pela imprensa. A sua campanha foi marcada pelo investimento de seus recursos na internet, especialmente nas redes sociais (*Facebook e Twitter*) e aplicativos de comunicação instantânea, como o *WhatsApp*. Os adversários de Bolsonaro argumentam que a sua campanha foi baseada na disseminação de *fake news* nas redes sociais, tanto para ataque aos adversários quanto para defesa.

eleger e, após a sua vitória e a sua posse, tal situação ficou ainda mais acirrada, marcada por conflitos, principalmente com jornalistas mulheres, revelando a postura machista e misógina do presidente. Segundo a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), no 1º semestre de 2020, foram registradas 245 ocorrências, sendo 211 categorizadas como tentativa de tirar a credibilidade da imprensa, 32 ataques pessoais a jornalistas e dois ataques contra a FENAJ, contabilizando 10 ataques ao trabalho jornalístico semanalmente. (FENAJ, 2020). A situação com a imprensa piorou à medida em que houve a proliferação do novo coronavírus.⁵

Quanto aos ataques às mulheres jornalistas, a representatividade feminina sempre foi baixa no meio profissional e traz à tona discussões acerca da desigualdade de gênero e oportunidade nos negócios. A regulamentação da profissão de jornalista em 1969 contribuiu para a inserção da mulher no mercado de trabalho, mas elas participavam no que é chamado de “cozinha” do veículo. Atendiam ao telefone ou trabalhavam no secretariado ou por vezes faziam parte da produção, mas nunca assumiram os microfones e a ancoragem do meio.

Em 2013, a Federação Nacional de Jornalistas constatou que o número de mulheres jornalistas superou o percentual de homens, mas é a classe masculina que ocupa os cargos de chefia nas redações do país. Conforme site da Fenaj (2021), a Federação Internacional dos Jornalistas (FIJ) lançou uma campanha global #PayMeEqual, estimulando a mídia em todo o mundo a realizar auditorias salariais em suas redações e a agir para combater as disparidades salariais de gênero. Dados da FIJ apontam que a disparidade salarial global entre homens e mulheres chega a 23% (as mulheres ganham 77% em relação aos homens).

Esta predominância masculina em posições de autoridade coloca a mulher em situações de injustiça e vulnerabilidade. Assim, o sistema aceita piadas machistas, além de outras atitudes, que atestam e atribuem ao homem a sexualidade plena, de maneira que o presidente Bolsonaro faz discursos e ofensas machistas e misóginas, como ocorreu em relação à menção a sua filha, em que ele afirmou ter sido resultado de uma “fraquejada”, já que os outros quatro filhos são homens.⁶ Talvez um dos casos mais famosos de ataque contra a mulher ocorreu contra a deputada Maria do Rosário. Em 2003, Bolsonaro, então deputado, a empurrou e chamou de “vagabunda”. Passados mais de 10 anos depois, em 2014, na Câmara

⁵ FENAJ. Presidente Bolsonaro promove 245 ataques contra o jornalismo no primeiro semestre. Brasília, 2020. Disponível em <https://fenaj.org.br/presidente-bolsonaro-promove-245-ataques-contr-o-jornalismo-no-primeiro-semester/>. Acesso em 10 de abril de 2021.

⁶ Um exemplo deste comportamento, com teor sexual e dirigido diretamente à própria família de Bolsonaro, é visto mesmo antes de sua eleição. Em uma declaração, feita em visita à sede do Clube Hebraica, no Rio de Janeiro, em quatro de abril de 2017, na qual o presidente faz menção à sua filha, como motivo de sátira e a rebaixa para uma “fraquejada”, de maneira a demonstrar postura machista e ser apoiado, entre risadas, pelos presentes no ambiente. “Foram quatro homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher”. (Trecho do discurso disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2YaLo74yLoY&ab_channel=ForaDaCaixa).

dos Deputados, ele declarou: “Ela é muito feia. Eu não sou estuprador, mas, se fosse, não iria estuprar porque ela não merece”.⁷

A partir dos confrontos de Bolsonaro com a imprensa, a proposta do artigo é analisar as polêmicas com as jornalistas Constança Rezende, Marina Dias, Sylvia Colombo, Thays Oyama, Patrícia Campos Mello, Isadora Peron, Míriam Leitão e Vera Magalhães, conforme a matéria “Oito jornalistas mulheres atacadas por Bolsonaro desde o início do governo”, postada no Blog “Quicando”, do *Portal Uol*, assinada por Juliana Kataoka em 08 de março de 2020.⁸ Investiga-se, ainda, a forma como o discurso do presidente revela uma tentativa de deslegitimar o trabalho das jornalistas acionando a desigualdade de gênero (Bourdieu, 2002). Serão analisados os *tweets* feitos pelo presidente e a repercussão na imprensa e nas entidades de classe do âmbito jornalístico, recorrendo à Análise de Conteúdo (Bardin, 2011).

Mediatização, Processos Sociais e o Campo Jornalístico

Hoje, a mídia ocupa um espaço de centralidade na vida social, permeando os outros campos sociais, como a política, conforme Oliveira *et al* (2021). Há uma circulação mais ampla das formas simbólicas e uma nova dimensão espaço-temporal, que se intensifica com as mídias massivas (impresso, rádio e TV) e tem uma aceleração com a internet e as mídias digitais, levando a um contato permanente e cotidiano dos indivíduos com circuitos informativos e comunicacionais, a chamada mediatização (Braga, 2012).

Assim, há um embate sobre o crescente processo de mediatização, visto que a mídia hoje está inserida no cotidiano dos indivíduos, alterando a lógica de funcionamento da própria sociedade. Braga (2012) retrata as consequências significativas que a mediatização apresenta na sociedade contemporânea - “que é um atravessamento dos campos sociais estabelecidos, gerando situações indeterminadas e experimentações correlatas” (BRAGA, 2012, p.31). Segundo o autor, com a mediatização crescente dos processos culturais em geral, a lógica de funcionamento dos campos sociais é alterada e eles tendem a perder poder. Assim, cada setor ou processo de sociedade, segundo o autor, participa de circuitos múltiplos, que envolvem

⁷ A alegação, além de ter um caráter sujo, mexe com uma das principais fraquezas brasileiras, tendo em vista que o Brasil é o quinto país no ranking de feminicídio, segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH), e muitos deles são consequências de estupro. (Trecho disponível em vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=RAuUtFRguxQ&ab_channel=TheInterceptBrasil)

⁸ KATAOKA, J. Oito Jornalistas Mulheres atacadas por Bolsonaro desde o início do Governo. In: **Quicando Blogosfera Uol**. São Paulo, 08 de março de 2020. Disponível em <https://quicando.blogosfera.uol.com.br/2020/03/08/oito-jornalistas-mulheres-atacadas-por-bolsonaro-desde-o-inicio-do-governo/>. Acesso em 10 de março de 2021.

momentos dialógicos. Mas ele reconhece que os campos sociais buscam se adaptar aos novos circuitos impostos pelos dispositivos tecnológicos e culturais.

No que diz respeito à centralidade da mídia para os campos sociais, apropriando-se dos argumentos de Lima (2006), pode-se afirmar que hoje os campos têm uma forte interface com a instância midiática. A partir das sete teses que o autor cria para explicar a centralidade da mídia para a política, entende-se como isso também ocorre com os demais campos sociais. O autor afirma o papel de centralidade da mídia para a vida social e como os meios de comunicação substituem as instituições sociais e políticas. Lima (2006) destaca que a mídia é um importante ator social e é responsável por criar uma agenda pública.

Como o presidente Jair Bolsonaro faz uso recorrente das redes sociais para se comunicar com o público e também para atacar a imprensa, é importante trazer alguns argumentos teóricos sobre as mesmas. Rossetto *et al* (2013) argumentam que as ações de compartilhamento fomentam uma rede de conexões que dissemina as mensagens, propiciando a possibilidade de viralização, que faz com que a mensagem alcance usuários independente da mesma rede social, do mesmo ciclo ou do mesmo país. Nesse sentido, o Twitter apresenta-se como um local de ressonância de temas e discussões políticas. Os autores afirmam que a influência do conteúdo das mídias sociais ostenta grande poder de tomada de decisão e tem efeito explícito na opinião dos indivíduos a respeito dos temas discutidos. Isso torna-se um potente instrumento para propagar ideais políticos e induzir ideias a quem for exposto ao assunto tratado. Segundo Parlamee e Bichard (2012) *apud* Rossetto *et al* (2013), a utilização da rede apresenta três objetivos: (1) uma forma de obter informação política rápida e sem filtros; (2) preenche o anseio dos usuários que desejam ser parte do processo político; (3) uma ferramenta de negócio para quem trabalha com política ou faz a cobertura de notícias políticas. Sobre a acessibilidade das redes sociais, como o Twitter, nota-se que Bolsonaro investe muito para manter-se conectado com os eleitores.

Na visão de Oliveira *et al* (2021), há uma disputa simbólica entre o presidente Bolsonaro e a imprensa tradicional. Segundo os autores, percebe-se que há uma tentativa do presidente em tirar a legitimidade do campo jornalístico e, principalmente, dos profissionais que atuam na imprensa. Isso fica mais preocupante quando os ataques são mais frequentes quando envolvem jornalistas mulheres, revelando misoginia, ao naturalizar a violência simbólica (Bourdieu, 2002). O discurso de Bolsonaro traz latente a ideia de que o jornalismo e a política são espaços apropriados para serem ocupados pelos homens.

Bourdieu (1997) afirma que o campo jornalístico, assim como os demais campos sociais, estrutura-se por forças internas, que são relações de poder, que buscam transformar, subverter ou manter tais situações. Tratam-se de lutas internas e externas. Há, no caso do Brasil, disputas entre grupos de mídia envolvendo conglomerados como Globo e SBT e, por outro lado, a chamada Blogosfera Progressista Ampliada, vinculada a grupos de esquerda.

Conforme Bourdieu (1997), mesmo que o campo jornalístico seja consolidado, sofre pressão e influência de campos externos, em especial do econômico. O campo jornalístico, conforme aponta Gaye Tuchman (1993), trabalha sob a égide do mito da objetividade jornalística como forma de se legitimar e até de se proteger. Para isso, a socióloga aponta os rituais estratégicos adotados pelos profissionais como maneiras de legitimação do campo. Entre os rituais, estão: ouvir os lados envolvidos no fato, usar aspas para as declarações, construir a narrativa seguindo o modelo norte-americano e utilizar provas complementares. Tuchman (1993) afirma que os jornalistas defendem que os fatos devem ser reunidos e estruturados de um modo que retrate tal suposta imparcialidade.

Gênero e Identidade Feminina

Quanto à Gênero e Identidade Feminina, Celi Pinto (2010) define feminismo como um movimento que tem uma especificidade, a de produzir a sua própria reflexão crítica, a sua própria teoria. A autora explica, ao longo da história ocidental, que sempre existiram mulheres que se rebelaram em relação a suas condições de inferioridade em relação ao homem e lutaram por liberdade. Segundo a autora, o feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, mas que luta por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo.

Bourdieu (2002) discute a questão da desigualdade de gênero. Ele diz que a visão androcêntrica é legitimada pelas próprias práticas que ela determina. Ao conceituar violência simbólica, o sociólogo afirma que há uma violência naturalizada contra a mulher, ou seja, já se institucionalizaram determinadas práticas sociais que colocam a mulher numa condição de submissão. Evidencia-se isso nos ataques de Bolsonaro ao se referir às jornalistas de forma machista, tentando tirar a legitimidade do trabalho das profissionais.

Miguel & Biroli (2014) afirmam que esta desigualdade de gênero que está presente na vida das mulheres é um obstáculo para que elas possam usufruir dos direitos e espaços que os homens têm. Liga-se, assim, à divisão dos papéis sociais institucionalizados e naturalizados.

(Bourdieu, 2002). Constatam-se, por exemplo, as dificuldades encontradas pelas mulheres para participarem da cobertura jornalística de editorias consideradas mais masculinas, como política, por terem “padrões diferenciados de socialização de gênero e a construção social da política como esfera masculina” (MIGUEL & BIROLI, 2014, p. 94).

Os Ataques de Bolsonaro às Jornalistas

Como metodologia, o artigo utilizou a **Pesquisa Bibliográfica** para construir a base teórica. Para discutir o embate entre o presidente Jair Bolsonaro (sem partido) *versus* a imprensa tradicional, tomando como base o ataque às oito jornalistas, recorreu-se à **Pesquisa Documental**. Foram coletados os *tweets* do perfil do Twitter oficial do presidente Bolsonaro (@jairbolsonaro). Foram selecionadas notícias do Portal da *Folha de S. Paulo* e do *Portal G1*, entre outros veículos. Quanto à repercussão em entidades de classe, foram coletadas as notas postadas pela Associação Brasileira de Imprensa (ABI), Associação Brasileira de Jornistas Investigativos (ABRAJI), Federação Nacional de Jornistas (FENAJ), Sindicato dos Jornistas Profissionais no Estado de São Paulo (SJSP) e Observatório da Liberdade de Imprensa. Quanto à **Análise de Conteúdo**, conforme Bardin (2011), as categorias centraram-se nas ofensas às jornalistas com posturas misóginas e na busca de destituir a legitimidade do trabalho das jornalistas. O ponto de partida foi a reportagem “Oito mulheres jornalistas atacadas por Bolsonaro” (KATAOKA, 2020). Ao longo de 2019 até março de 2020, Kataoka identificou oito episódios/ataques envolvendo jornalistas mulheres, sendo 4 da Folha, 2 do Grupo Globo e 2 do Estadão.

Os ataques à jornalista Constança Rezende (Estadão)

A polêmica com **Constança Rezende**, repórter do *O Estado de S. Paulo*, começou com uma interpretação deturpada inicialmente publicada em 10 de março de 2019, nas redes sociais pelo site *Terça Livre*, nomeada como “Jornalista do Estadão: ‘a intenção é arruinar Flávio Bolsonaro e o governo’”⁹. A postagem foi alimentada por ativistas conservadores e apoiadores de Bolsonaro. O presidente divulgou, em seu Twitter, no mesmo dia, um texto que diz “querem derrubar o governo, com chantagens, desinformações e vazamentos”. O *post* veio acompanhado de um áudio, cuja transcrição dos trechos audíveis não coincidiam com a interpretação que o presidente fazia das falas.

⁹ <https://tercalivre.com.br/jornalista-do-estadao-a-intencao-e-arruinar-flavio-bolsonaro-e-o-governo/>. Acesso em 31 de março de 2021.

O *Estadão* saiu em defesa da repórter e postou uma matéria intitulada “Site bolsonarista distorce ‘entrevista’ de repórter do *Estadão* e promove desinformação”. Segundo a reportagem, a manchete do texto do site *Terça Livre* teria sido uma denúncia do jornalista francês Jawad Rhalib, em uma gravação. No diálogo em inglês, segundo o *Estadão*, “tem frases truncadas e com pausas” e que “apenas trechos selecionados foram divulgados”, a jornalista não fala em “intenção” de arruinar o governo ou o presidente. Mas, em certo momento, avalia que “o caso pode comprometer” e “está arruinando Bolsonaro”, mas a matéria reafirma que isso não relaciona seu trabalho a nenhuma intenção.

Nas redes sociais circularam diversas postagens acusando o *Estadão* de mentir, inclusive com uma *hashtag* propagada pelo *Terça Livre* - #EstadãoMentiu. O jornal ressalta que “as informações reveladas pelo jornal se baseiam em fatos e documentos oficiais”. A agência de checagem de fatos, *Lupa*, trouxe o caso à tona em uma investigação, na qual alegou ser falso as aspas utilizadas na manchete da publicação do *Terça Livre*. Bolsonaro propagou em seu Twitter uma *fake news*, para se posicionar a imprensa contra seu governo, de maneira a incentivar seus seguidores a se colocarem em oposição ao veículo *Estadão*.

Os ataques à jornalista Marina Dias (*Folha de S. Paulo*)

Em entrevista coletiva em 16 de maio de 2019, **Marina Dias**, da *Folha de S. Paulo*, indagou o presidente acerca do corte de verbas para a educação. Ele, então, respondeu que a jornalista tinha que entrar de novo “numa faculdade que presta e fazer bom jornalismo”. Disse ainda que o jornal não pode contratar “qualquer uma para ser jornalista, ficar semeando a discórdia e perguntando besteira e publicando coisas nojentas por aí”. O caso repercutiu, e a ABRAJI publicou a nota de repúdio “Ao atacar jornalista, Bolsonaro se afasta de compromisso com a democracia”, em que defende que “o papel de um jornalista é perguntar. O papel de um detentor de mandato, que deve prestar contas do que faz ao público, é responder – de preferência, com civilidade e compostura”. A polêmica foi estampada em diversas manchetes da imprensa. No Blog *Pragmatismo Político* publicou um texto cujo título expôs “Jornalista da Folha é agredida verbalmente por Jair Bolsonaro em Dallas”. A rádio *Metro 1* abordou o caso “Bolsonaro ataca mídia e diz que jornalista deveria ‘entrar de novo numa faculdade que preste’”, abordando o fato, a nota da ABRAJI e o *tweet* de Bolsonaro.

Os ataques à jornalista Sylvia Colombo (*Folha de S. Paulo*)

Em 6 de junho de 2019, a *Folha de S. Paulo* publicou uma notícia intitulada “Em momento de descontração, Bolsonaro diz que está apaixonado por repórter da *Folha*; assista”

10. A jornalista assediada foi **Sylvia Colombo**. Em entrevista em Buenos Aires, Sylvia questionou o presidente sobre a entrega das credenciais diplomáticas à Maria Teresa Belandria, embaixadora da Venezuela, indicada pelo líder opositor Juan Guaidó para representá-lo no Brasil. A embaixadora havia sido desconvidada da cerimônia de apresentação das credenciais, por consequência de uma avaliação da ala militar do governo brasileiro, que julgou que o gesto poderia ser uma provocação desnecessária ao ditador da Venezuela, conforme escreveu a matéria da *Folha*. Antes mesmo que Sylvia completasse sua pergunta, Bolsonaro a interrompeu dizendo que recebeu as credenciais e que “[o processo] não havia sido acertado comigo”. “Eu sou uma pessoa do diálogo, pode ter certeza disso. Tanto é que, estou me declarando aqui, estou apaixonado por você”. Assim, tentou tirar o foco da pergunta, com um “assédio”.

Ainda que na matéria publicada pelo veículo comunicacional que Sylvia Colombo pertence tenha utilizada palavras que amenizem a situação, como “brincou”, a repórter se mostrou desconfortável com a situação. Em seu Twitter, postou a frase, com o vídeo do momento em seguida, “hoje me aconteceu isso... interpretem!”. (Disponível em: <https://twitter.com/sylviacolombo/status/1136830157749202944>).

Na mídia, não houve tanta repercussão do caso, pois a situação foi amenizada e levada como uma “brincadeira”, no qual diversos veículos trataram o assunto dessa forma. O site de notícias *Paraíba Já* trouxe a matéria, “Bolsonaro diz que está apaixonado por repórter da *Folha de SP*; assista”, com o conteúdo do texto do jornal da *Folha*. O mesmo aconteceu com a *Associação Nacional de Jornais*, que apenas republicou a matéria da *Folha*. Já a revista *Fórum* trouxe a matéria “Na Argentina, Bolsonaro interrompe jornalista da *Folha* e diz que está “apaixonado” por ela”, em que conta o que aconteceu e acrescenta sobre o *tweet* feito pela jornalista. O mesmo texto foi replicado pelo site *Muvuca Popular*”.

Contudo, o *Portal iG* mensurou o caso com palavras populares, na matéria postada “Jair Bolsonaro passa de todos os limites, tem atitude bizarra e declara que está apaixonado por outra mulher”. No texto, conta o acontecimento, alegando que “Jair Bolsonaro protagonizou um momento um tanto constrangedor enquanto dava entrevistas para jornalistas”. Além disso, revisita o confronto entre o presidente e o veículo, ao afirmar: “O presidente do Brasil fez as ‘pazes’ com a *Folha de S. Paulo* dando uma cantada na profissional responsável por fazer a cobertura da visita do político à Argentina.”

¹⁰ https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/06/em-momento-de-descontracao-bolsonaro-diz-que-esta-apaixonado-por-reporter-da-folha.shtml?utm_source=twitter&utm_medium=social&utm_campaign=comptw
. Acesso em 05 de abril de 2021.

Ataques à jornalista Isadora Peron (*Valor Econômico*)

Outro ataque aconteceu contra a jornalista Isadora Peron, do *Valor Econômico*. A polêmica começou com uma fala preconceituosa, advinda do presidente e contra os nordestinos, feita no dia 19 de julho de 2019. Em reportagem de *O Globo*, intitulada “Bolsonaro diz que não se referiu aos nordestinos com o termo ‘paraíba’”¹¹, o presidente demonstra que não teve a intenção de ser interpretado como xenofóbico, apoiando-se na declaração: “A maldade tá no coração de vocês. Tenho tanta crítica ao nordeste que casei com a filha de um cearense”.

Conforme notícia compartilhada pela revista *Fórum*, intitulada “Bolsonaro compara agressão ao Nordeste a chamar repórter do Valor de feia”, a versão é outra. Ao ser questionado por Isadora Peron “se a polêmica poderia atrapalhar a tramitação da reforma da Previdência na Câmara, já que a bancada nordestina é forte”, o presidente descartou a ideia e disse: “Pelo amor de Deus, né. Se eu te chamar de feia agora, acabou o mundo. Todas as mulheres vão estar contra mim”. Na publicação do jornal *O Globo*, eles completam a fala do presidente: “Eles acham que o Nordeste é uma massa de manobra. Na verdade, a imprensa brasileira está com saudade do PT e do Lula.” O vídeo na íntegra foi postado pelo jornal *Diário do Centro do Mundo (DCM)*, com a manchete “VÍDEO: ‘Se eu te chamar de feia, todas as mulheres vão estar contra mim’, diz Bolsonaro, descontrolado, a repórter”.

A jornalista Isadora Peron posicionou-se diante do ocorrido com um *tweet* em sua conta oficial: “Perguntei ao presidente Jair Bolsonaro se a polêmica com o Nordeste não poderia atrapalhar a votação da Previdência, já que a bancada nordestina é forte. Ouvi isso aqui: ‘Pelo amor de Deus, né. Se eu te chamar de feia agora, acabou o mundo. Todas as mulheres vão estar contra mim’”. (Disponível em: <https://twitter.com/Isaperon/status/1152656499019309056>)

A maior parte dos veículos que noticiaram o caso trouxeram estampado o *tweet* de Isadora, como aconteceu com o site baiano de notícias *BNews*. O Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais (SJPMG), por sua vez, manifestou-se mediante o caso de Isadora, com texto publicado, “Jornalistas respondem a mais um ataque do presidente”. A organização não-governamental de direitos humanos, *ARTIGO 19*, compartilhou a nota de repúdio “ARTIGO 19 repudia ataques às jornalistas Miriam Leitão e Isadora Peron”.

¹¹ <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-diz-que-nao-se-referiu-aos-nordestinos-com-termo-paraiba-23821616>. Acesso em 05 de abril de 2021.

Os ataques contra a jornalista Miriam Leitão

Em 19 de julho de 2019, durante um café da manhã com jornalistas estrangeiros, ao ser questionado sobre o episódio em que **Miriam Leitão** e seu marido, Sérgio Abranches, foram excluídos da 13ª Feira do Livro de Jaraguá do Sul, em Santa Catarina, sob a alegação “para garantir a segurança dos convidados” que repudiavam a presença dos mesmos devido ao seu “viés ideológico”, o presidente posicionou-se “completamente aberto à liberdade de imprensa”, em seguida disse que Miriam deveria aprender a receber críticas – como ele, sustentou o presidente, teria aprendido. O presidente Bolsonaro afirmou que a jornalista “tentou impor a ditadura no Brasil na luta armada”. Chegou a questionar se ela havia mesmo sofrido tortura durante o regime militar e acrescentou dizendo que Miriam serve a um “império” que não tem mais “aquela força que tinha no passado”.

Tais declarações repercutiram na grande mídia e na sociedade. A ABRAJI compartilhou a nota de repúdio “Presidente usa desinformação para atacar jornalista”, em que desmente o discurso do presidente e reafirma que “não é a primeira vez que Bolsonaro cita falsidades para desqualificar e agredir jornalistas cujos trabalhos o desagradam”. Segundo a nota de repúdio no *ARTIGO 19*, que contempla a jornalista Isadora Peron, o Conselho Nacional de Direitos Humanos orienta que os representantes do Estado “reconheçam publicamente a legitimidade e o valor do jornalismo e da comunicação, mesmo em situações em que a informação divulgada possa ser crítica ou inconveniente aos interesses do governo” e que “jamais sejam agentes diretor ou promovam violações ao direito à liberdade de expressão”. A Rede Globo posicionou-se diante do fato, no *Jornal Nacional*, quando Renata Vasconcellos leu a nota de repúdio, que ressaltou o discurso ofensivo do presidente. “Essas afirmações do presidente causam profunda indignação e merecem absoluto repúdio. Em defesa da verdade histórica e da honra da jornalista Miriam Leitão é preciso dizer, com todas as letras, que não é a jornalista quem mente”.

Os Ataques à jornalista Thaís Oyama

Os ataques do presidente Bolsonaro com viés machista também ganharam tons preconceituosos e xenofóbicos, desta vez tendo como vítima a jornalista **Thaís Oyama**, da *Folha de S. Paulo*. Numa reportagem da *Folha de S. Paulo*, “‘Você está falando da tua mãe?’, responde Bolsonaro sobre contratos de chefe da Secom”¹². No texto, Bolsonaro recusou-se a responder os questionamentos feitos pela *Folha* acerca do assunto e disse que o jornal não tem

¹² <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/voce-esta-falando-da-tua-mae-responde-bolsonaro-sobre-contratos-de-chefe-da-secom.shtml>. Acesso em 05 de abril de 2021.

moral para fazer perguntas. “Fora, *Folha de S. Paulo*, você não tem moral para perguntar, não”, afirmou o presidente pedindo para que outros repórteres fizessem os questionamentos. Ainda desrespeitou a repórter ao mandá-la calar a boca.

Durante a tarde, em cerimônia da Operação Acolhida no Planalto, o presidente fez críticas à imprensa, dizendo que a mesma “tem medo da verdade”. Como acusação à jornalista Thaís Oyama: “Deturpam o tempo todo e quando não conseguem deturpar, mentem descaradamente. Esse é o livro dessa japonesa que eu não sei o que faz no Brasil, que faz agora contra o governo”. O livro referido é o “Tormenta”, lançado pela Companhia de Letras no mesmo mês de sua declaração, em janeiro de 2020.

Em se tratando da repercussão na mídia, as pesquisas apontam que a mídia em volta desse caso diz mais sobre o sucesso do livro de Thaís que a declaração de Bolsonaro em si. Como é o caso do site da *Jovem Pan* e do *PublishNews*. Ainda contra a jornalista, no mesmo dia, porém durante transmissão em rede social, ele disparou: “Lá no Japão ela ia morrer de fome com jornalismo, escrevendo livro”, conforme conta a reportagem “Ofensa a japoneses amplia rol de declarações preconceituosas de Bolsonaro”, compartilhada pela *Folha de S. Paulo*. Nesta matéria também traz a origem de Thaís, nascida em Mogi das Cruzes (SP), é brasileira e neta de japoneses. A jornalista também contou que recebeu muitas mensagens de descendentes que relataram ver preconceito na fala de Bolsonaro.

Ataques à jornalista Patrícia Mello Campos

A polêmica referente ao caso da jornalista **Patrícia Campos Mello**, da *Folha de S. Paulo*, diz respeito a uma reportagem publicada em 18 de outubro de 2018, sobre disparo de mensagens pelo WhatsApp por empresários ligados a Bolsonaro, de forma ilegal. Por não serem doações declaradas, voltou a ser alvo de polêmica com o então presidente quando houve depoimento na CPI da Fake News em que ela foi citada, em 19 de fevereiro de 2020.

O caso trata-se de fala machista e com conotação sexual, em que o presidente desrespeitou e insultou Patrícia, em uma entrevista em frente ao Palácio da Alvorada, segundo conta a reportagem feita pelo jornal *Folha de S. Paulo*, publicada no mesmo dia e com manchete “Bolsonaro insulta repórter da Folha com insinuação sexual”¹³. Tal afirmativa contra a integridade profissional de Patrícia foi uma referência ao depoimento do ex-funcionário da agência de disparos de mensagens, no caso denunciado em 2018. O insulto do

¹³ <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/02/bolsonaro-insulta-reporter-da-folha-com-insinuacao-sexual.shtml>. Acesso em 05 de abril de 2021.

presidente foi repudiado por representantes de diversos partidos políticos e por entidades jornalísticas, que consideraram um ataque à democracia.

A FENAJ e o Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo (SJSP) manifestaram solidariedade à jornalista em Nota de Repúdio. As entidades esclarecem que repudiam as condutas e entendem que “contribuem para a perseguição a jornalistas e descredibilização da profissão, reflexos dos ataques deliberados e estimulados pelo governo.” A manifestação prossegue com as entidades repudiando, sobretudo, “o caráter, violento e sexista do ataque à misógina profissional jornalista, utilizado para colocar em dúvida a credibilidade das informações apuradas por Patrícia”, complementando que “o ataque atinge não só a repórter da *Folha*, mas também os princípios democráticos, constitucionais e a liberdade de imprensa”. No mesmo dia, foi lançado um Manifesto de Mulheres Jornalistas em solidariedade à Patrícia Campos Mello, repudiando os ataques sofridos por ela.

A Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI) e o Observatório da Liberdade de Imprensa da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) também publicaram nota de repúdio¹⁴. De acordo com a nota, os ataques aos jornalistas feitos por Bolsonaro são incompatíveis com os princípios da democracia, que dependem da livre circulação de informação. A *Folha de S. Paulo* publicou nota¹⁵ sobre a polêmica, na qual o jornal alega que o presidente não só insulta Patrícia, mas o jornalismo profissional com a sua atitude.

A Associação Brasileira de Imprensa (ABI), em nota de repúdio¹⁶ e em vídeo no Canal do Youtube, solidarizou-se com a jornalista e repudiou a atitude do presidente, qualificando a sua atitude como misógina. Pediu à Procuradoria Geral da República (PGR) para cumprir seu papel institucional, denunciando o presidente por quebra de decoro. A *Folha de S. Paulo* reuniu as notas de repúdio na reportagem “Entidade de jornalismo e OAB dizem que insulto de Bolsonaro a repórter é ataque à democracia”. Agregou o material a declarações do presidente da OAB, Felipe Santa Cruz, que avalia o insulto de Bolsonaro à repórter como uma “clara tentativa de intimidação” e “mau-caratismo institucional”. Patrícia Mello processou o presidente, e o caso foi encaminhado à Justiça. Bolsonaro foi condenado a indenizar a jornalista em R\$20 mil por danos morais, conforme notícia do *GI*, intitulada “Justiça de SP condena Bolsonaro a indenizar jornalista em R\$ 20 mil por danos morais”¹⁷.

¹⁴ <https://abraji.org.br/noticias/abraji-e-observatorio-da-liberdade-de-imprensa-da-oab-repudiam-ataque-machista-de-bolsonaro-a-reporter-da-folha-de-s-paulo>. Acesso em 05 de abril de 2021.

¹⁵ <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/02/em-nota-folha-diz-que-insulto-de-bolsonaro-a-reporter-agride-todo-o-jornalismo-profissional.shtml>. Acesso em 05 de abril de 2021.

¹⁶ <https://blogs.correiobraziliense.com.br/servidor/nota-oficial-da-abi/>. Acesso em 05 de abril de 2021.

¹⁷ <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/03/27/justica-de-sp-condena-bolsonaro-a-indenizar-jornalista-em-r-20-mil-por-danos-morais.ghtml>. Acesso em 05 de abril de 2021.

Os ataques à jornalista Vera Magalhães (*Estadão e TV Cultura*)

No dia 27 de fevereiro de 2020, o presidente atacou a editora do *BR Político* e colunista do *Estado*, **Vera Magalhães**, duas vezes, em uma delas a acusou de mentir ao divulgar que Bolsonaro compartilhou dois vídeos para seus contatos no aplicativo de mensagens instantâneas, *WhatsApp*, convocando-os em defesa do governo em manifestações no dia 15 de março, contra o Congresso. Bolsonaro ofendeu a jornalista em entrevista na entrada do Palácio da Alvorada e em transmissão ao vivo em sua página do *Facebook*. Em ambas as ocasiões, o presidente disse que o vídeo divulgado por Vera Magalhães era de 2015. No entanto, naquele ano, Bolsonaro era deputado, e a facada sofrida por ele, que aparece na gravação, ocorreu na campanha de 2018, em Juiz de Fora.

A reportagem “Bolsonaro compartilha vídeo sobre ato convocado contra o Congresso e STF e provoca repúdio”, do jornal *O Globo*, traz vídeo de 1min30s compartilhado pelo presidente em que são exibidas imagens de protestos em Brasília, do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff (PT). Com o Hino Nacional ao fundo, um narrador pergunta: “Por que esperar pelo futuro se não tomamos de volta o nosso Brasil?”. Ainda com todas as provas imagéticas explícitas no vídeo, além da clara menção à Bolsonaro já no cargo de presidente quando o narrador diz: “(...) Temos um presidente trabalhador, incansável, cristão, patriota, capaz, justo, incorruptível”, Bolsonaro insistiu que o vídeo é antigo e insultou a jornalista.

O presidente contestou a jornalista. “Vera Magalhães, eu não sou da tua laia. (...) Ela queria dar um furo de reportagem com aquele meu vídeo convocando o pessoal para 15 de março, mas no seu afã de dar o furo rapidamente, ela esqueceu de ver a data que era 2015. Se bem que dá para ver, perceber um pouquinho no meu semblante, que estou um pouco mais jovem. Mais um trabalho porco que a mídia toda repercutiu”, disse Bolsonaro em transmissão ao vivo, conforme a matéria do *Estadão*, nomeada “Bolsonaro ataca jornalista do ‘Estado’ e nega ter compartilhado vídeo convocando para atos”, em que traz os vídeos na íntegra.

Segundo o *BR Político*, Bolsonaro compartilhou dois vídeos convocando para os protestos, também divulgou *print* da tela de um celular que mostra o presidente como autor dos disparos, assim como, os vídeos encaminhados. No entanto, o presidente, ignorando as publicações já feitas, completou sua fala: “A Vera mentiu. Eu quero que a Vera mostre o vídeo em que eu estou convocando as pessoas para isso”. Desde então, a jornalista Vera Magalhães passou a ser hostilizada nas redes sociais por seguidores de Bolsonaro.

A ABRAJI divulgou a nota de repúdio “Abraji condena perfil falso e exposição de dados pessoais de Vera Magalhães em redes sociais”, em que afirma que a jornalista foi

“vítima de *doxxing* (exposição de dados pessoais) e da criação de um perfil falso em uma rede social”, após ter revelado em uma reportagem sobre os vídeos disparados por Bolsonaro. A Associação afirma que considera a exposição de dados pessoais uma ameaça a jornalistas e um constrangimento à liberdade de imprensa.”

A Associação Brasileira de Imprensa (ABI), em uma nota denominada “ABI se solidariza a jornalista Vera Magalhães”, divulgou uma nota sobre a polêmica. A FENAJ publicou um alerta à sociedade acerca da “sanha totalitária do governo de Jair Bolsonaro que ganhou novo episódio nesta semana”, tratando do caso de Vera Magalhães. A postagem da FENAJ resume o acontecimento e destaca a hashtag #VeraFakeNews, que esteve entre as mais citadas no dia 26 de fevereiro de 2020, impulsionada por robôs.

Vera Magalhães pronunciou-se no *Jornal da Cultura*, comentando sobre os vídeos e os discursos de Bolsonaro. “Portanto, realmente nós não somos da mesma laia. A minha laia, a laia dos jornalistas, a gente apura o que publica, e eu apurei aquilo que eu recebi de uma fonte que recebeu do senhor, presidente Jair Bolsonaro. Portanto aqui está a minha vergonha na cara que o senhor cobrou de mim em rede nacional.” A TV Cultura, a qual Vera faz parte, emitiu nota de “apoio incondicional”, segundo a reportagem publicada no *Portal Uol*, nomeada “TV Cultura apoia jornalista Vera Magalhães após linchamento virtual”, que lançou nota na íntegra: “Uma imprensa livre e responsável é fundamental para a garantia do funcionamento das instituições e da democracia”. No Twitter, a jornalista publicou um *print* dos disparos do presidente e explicou a situação, desde o ataque feito a ela, os vídeos encaminhados até o envio de uma mensagem, feita por ela, com a reportagem do assunto dos vídeos.

Considerações Finais

Levando em consideração as informações sobre o presidente Jair Bolsonaro e seu comportamento diante da mídia tradicional, é possível perceber ações que buscam deslegitimar o campo profissional e o jornalismo feito pelos veículos comunicacionais, conforme apontam Oliveira *et al* (2021). Ao adotar as redes sociais – em especial o Twitter como canal oficial de contato com o seu público e até como canal governamental, Bolsonaro evita conceder coletivas à imprensa, atender aos jornalistas, funções básicas numa democracia em que a informação é fundamental.

Demonstrando a sua postura machista, misógina e, por vezes, xenófoba, Bolsonaro ataca, na maior parte das vezes, jornalistas mulheres. Como vimos, de 2019 a março de 2020, foram oito jornalistas dos principais grupos de mídia. Há, certamente, um interesse do

presidente em se esquivar de questionamentos da imprensa. Quando se vê em situações incômodas, em que os jornalistas lançam perguntas que não o agrada, ele parte para a ofensiva. Mas, conforme Bourdieu (2002) e Miguel & Biroli (2014), se são mulheres, responde com ataques, tentando tirar a legitimidade do trabalho das jornalistas.

Na análise, fica evidente como Jair Bolsonaro parte para o ataque acionando a desigualdade de gênero (Bourdieu, 2002), em que a mulher é colocada em uma condição de inferioridade para justamente tirar a legitimidade das profissionais que atuam no jornalismo político, que é uma área em que os homens se consideram hegemônicos. É uma forma de não responder aos questionamentos dos jornalistas a temas polêmicos do governo, tentando mudar o foco, com piadas ou agressões verbais. Revelando, assim, um retrato de um país em que o machismo e a história política caminham juntas.

Referências

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BRAGA, J. L. Circuitos *versus* campos sociais. In: MATTOS, M.A.; JANOTTI JÚNIOR, J.; e JACKS, N. (Org.). **Mediação & Mídia**. Salvador: EDUFBA, 2012, p.29-52.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. A condição feminina e a violência simbólica. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- LIMA, V. de. **Mídia**. Crise Política e Poder. São Paulo: Perseu Abramo, 2006.
- MIGUEL, L.F. & BIROLI, F. **Feminismo e Política**. Rio de Janeiro: Boitempo Editorial, 2014.
- OLIVEIRA, L.A.; FERNANDES, C.M.; QUADROS, A.R. A 'Revanche' e 'Os Perversos': como Eliane Brum aborda Jair Bolsonaro na sua eleição e nos seus 100 primeiros dias de governo. **Anuario Estudios en Comunicación Social Disertaciones**, v. 14, p. 1-1, 2021
- PINTO, C. R. J. Feminismo, História e Poder. In: **Revista de Sociologia Política**, Curitiba, v.18, n.36, p.15-23, jun.2010.
- ROSSETTO, G.; CARREIRA, R.; ALMADA, M. P. Twitter e comunicação política: limites e possibilidades. In: **Revista Compolítica**, n. 3, vol. 2, ed. Jul/dez. Rio de Janeiro: Compolítica, 2013.
- TUCHMAN, G. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. 1972. In: TRAQUINA, N. (Org.). **Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”**. Lisboa: Vega Editora, 1993.